

UMA ANÁLISE DAS VARIÁVEIS DO ESTUDO DE COMPETITIVIDADE TURÍSTICA BRASILEIRA SOB OS PARADIGMAS DA GEOGRAFIA ECONÔMICA EVOLUTIVA E GEOGRAFIA ECONÔMICA RELACIONAL

AN ANALYSIS OF THE STUDY VARIABLES OF THE BRAZILIAN TOURISM COMPETITIVENESS UNDER THE PARADIGMS OF EVOLUTIONARY ECONOMIC GEOGRAPHY AND RELATIONAL ECONOMIC GEOGRAPHY

Adriana Fumi Chim-Miki¹, Thays Cristina Domareski-Ruiz², Rosa Maria Batista-Canino³

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v8i2p106>

RESUMO

Este artigo analisa as variáveis utilizadas para medir a competitividade dos destinos indutores de Turismo no Brasil, sob a perspectiva resultante da fusão de paradigmas da Geografia Econômica Evolutiva [GEE] e da Geografia Evolutiva Relacional [GER], proposta por Sanz-Ibañez e Antón-Clave (2014). Em resumo é uma pesquisa qualitativa exploratória que utiliza a técnica de análise de conteúdo para realizar uma classificação das variáveis do monitor com base aos pilares da GEE-GER. O resultado indicou que 38,2% das variáveis se relacionam ao pilar Contexto, 18,4% com o pilar Ação Humana e 43,4% com o pilar Dependência da Trajetória. O estudo apresenta como considerações finais que o uso de GEE-GER nas análises de competitividade turística é ainda preliminar, porém, complementar às perspectivas neoclássicas já utilizadas, mas indica uma necessidade de evolução dos monitores turísticos para uma fundamentação baseada na GEE-GER, a fim de gerar informação específica vinculada a trajetória evolutiva de cada destino turístico contribuindo ao desenvolvimento de políticas públicas locais.

PALAVRAS-CHAVES

Turismo. Competitividade turística. Geografia Econômica Evolutiva. Geografia Econômica Relacional.

ABSTRACT

This paper analyzes the variables used to measure the tourism competitiveness of inductor destinations in Brazil by the theoretical perspective resulting of the integration of the approaches of Evolutionary Economic Geography (EEG) and Relational Economic Geography (REG), proposed by Sanz-Ibañez & Antón-Clave (2014). It is an exploratory qualitative research that uses the content

¹ **Adriana Fumi Chim-Miki** – Doutora. Pesquisadora da Universidade de Las Palmas de Gran Canaria, Espanha. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6294505765908268>. E-mail: adriana.chimmiki@gmail.com

² **Thays Cristina Domareski-Ruiz** – Doutora. Em estágio pós-doutoral em Gestão do Turismo, na Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriu, Santa Catarina. E-mail: thaysdomareski@gmail.com

³ **Rosa Maria Batista-Canino** – Doutora. Professor na Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Espanha. E-mail: rosa.batistacanino@ulpgc.es



analysis technique to perform a classification of the Brazilian competitiveness monitor variables based on base of the EEG-REG pillars. The results indicated that 38.2% of the variables are related to the Conceptuality pillar, 18.4% with the Human Action pillar and 43.4% with the Path Dependence pillar. The study presents as final considerations that the use of the EEG-REG approach in tourism competitiveness analysis is still preliminary, but complementary to the neoclassical perspective. Also, it indicates that need to evolve the tourism monitors to include in its foundation the theoretical base of EEG-REG, in order to generate specific information linked to evolutionary trajectory of each destination contributing to the development of local public policies.

KEYWORDS

Tourism. Tourism Competitiveness. Evolutionary Economic Geography. Relational Economic Geography.

INTRODUÇÃO

O conceito de competitividade foi analisado e discutido através de diferentes disciplinas, como: economia, gestão, ciências políticas e turismo. Cada uma destas disciplinas tem oferecido perspectivas distintas sobre a definição, a compreensão e forma de medir este constructo. Além disso, a competitividade de destinos turísticos vem dando espaço a novos enfoques de planejamento e gestão do turismo (Sanz-Ibáñez & Anton Clavé, 2014). Neste sentido, os governos dos países e outras instituições mundiais, como World Economic Forum [WEF] e World Travel & Tourism Council [WTTC] criaram metodologias para monitorar o que denominam 'pilares da competitividade', ou seja, grupos de variáveis que alavancam o desenvolvimento turístico de uma região, destino ou país.

Nesta linha de atuação, alguns exemplos são os monitores de competitividade de World Economic Forum [WEF], que em relação ao turismo realiza o monitoramento de 141 países através do Travel & Tourism Competitiveness Index [TTCI]. Igualmente, alguns países desenvolveram seus próprios monitores que verificam a competitividade de suas cidades ou regiões, sendo o Brasil um destes países. O Programa de Regionalização do turismo brasileiro possui uma ferramenta de medição que realiza um levantamento do nível de competitividade de 65 destinos turísticos, considerados indutores do turismo, chamado Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores. O principal objetivo deste estudo do Ministério do Turismo é realizar um diagnóstico detalhado da realidade dos destinos turísticos avaliados, a fim de colocar em perspectiva as variáveis que podem contribuir ao desenvolvimento regional do turismo (MTur; Sebrae; FGV, 2008; 2014).

Por outro lado, novas perspectivas têm sido aplicadas para analisar o desenvolvimento regional. Uma delas é a Geografia Econômica Evolutiva [GEE] que estuda os processos do cenário econômico, a organização espacial da economia, a produção, a distribuição e o consumo, que é transformado ao longo do tempo através de uma perspectiva evolutiva (Boschma & Martin, 2010). Outra perspectiva de análise é a Geografia Econômica Relacional [GER], que estuda a organização social e espacial do trabalho, o impacto positivo e negativo de fatos/decisões históricas, processos e eventos das decisões atuais [evolução], os processos de criação de conhecimento e os efeitos da mudança tecnológica [inovação] e, as interações e relações entre os agentes econômicos e as instituições formais e informais (Bathelt & Gleuckler de 2003, 2011). Estas bases teóricas estão sendo indicadas para contribuir com a interpretação da evolução e do rendimento de destinos turísticos, portanto, da sua capacidade competitiva (Boschma & Frenken, 2006).

Sanz-Ibáñez e Anton-Clavé (2014) apresentaram um enfoque que unificou a perspectiva evolutiva e relacional [GEE-GER], considerando que desta forma se supera algumas debilidades dos modelos convencionais de análises que são estáticos e incapazes de abarcar o fundamento complexo de que o

território atua em sua própria formação. Além disso, estas duas linhas teóricas também se adequam a análises de contextos empresariais e regionais, pois incluem a evolução e organização dos lugares de produção. Apesar de serem consideradas perspectivas preliminares na discussão turística, poderão oferecer uma análise que inclui a complexidade atual do desenvolvimento de regiões turísticas ou destinos turísticos (Boschma & Frenken, 2007).

Este artigo tem por objetivo, verificar e classificar as variáveis utilizadas no monitor brasileiro de competitividade turística segundo os pressupostos teóricos da fusão GEE-GER, ou seja, considerando a ótica e os pilares propostos por Sanz-Ibáñez e Antón-Clavé (2014). Primeiramente, a intenção é verificar em que grau os pilares destas novas propostas analíticas já estão presentes neste instrumento de política e gestão do turismo no Brasil, pois apesar desta ferramenta de medida da competitividade ser desenvolvida com base nos modelos clássicos de competitividade, o Programa de Regionalização do Turismo tem o foco em uma abordagem territorial e de redes cooperativas, portanto, parece ter uma similaridade com a perspectiva evolutiva e relacional. Secundariamente, este artigo objetiva apresentar uma síntese da teoria GEE-GER com uma proposta de análise turística, um caminho analítico e interpretativo que pode contribuir para o direcionamento de futuras intervenções político-econômicas e sociais.

REFERENCIAL TEÓRICO:

O Destino Turístico Analisado sob o Enfoque do Construto Competitividade

Os destinos turísticos enfrentam um difícil processo de sobrevivência, onde a estratégia competitiva marca e define sua trajetória (Sancho Perez & García Mesanat, 2004), portanto, atingir ótimos níveis de competitividade se transforma em um fator absolutamente estratégico para estas unidades de gestão (Alonso Ferrera, 2010). Mas, é preciso ter em conta o que destaca Newall (1992), que a competitividade é um meio e não um fim, ou seja, um caminho para o desenvolvimento de um território (Domareski, 2011). Desde as teorias econômicas do comércio internacional, a competitividade é considerada um importante fator para a criação de riqueza nacional (Porter, 1980). No entanto, pela evolução da visão política e econômica outros fatores passaram a compor este cenário. A competitividade atualmente não é considerada somente pela riqueza nacional, mas pela sustentabilidade e pela melhoria de qualidade de vida da população local (Newall, 1992; Ritchie & Crouch, 2003; Vianna, 2011).

O construto competitividade apresenta uma variedade de conceitos discutidos por diversos autores e instituições, dentre os quais se destacam: Scott e Lodge, 1985; Haguenaer, 1989; Porter, 1990; Nevall, 1992; Esser, 1994; Ferraz, Kupfer e Haguenaer, 1997; Crouch e Ritchie, 1999; Dwyer e Kim, 2003; WEF, 2013, 2014, e outros. Resumidamente, a competitividade de destinos turísticos é um conceito multidimensional, que requer a superioridade em diversos aspectos para ser obtida (Crouch & Ritchie, 1999), sendo esta multidimensionalidade que dá margem a variedade de conceitos e abordagens existentes na literatura, assim como o uso de diferentes variáveis para expressar o construto (Dwyer & Kim, 2003). A competitividade pode ser entendida como a capacidade crescente de gerar negócios lucrativos nas atividades econômicas relacionadas, de forma sustentável, superior à concorrência, onde os conceitos de planejamento e gestão seguem em paralelo para atingir o desenvolvimento. A evolução dos estudos sobre este tema desperta interesse cada vez maior sobre o assunto e leva ao surgimento de diferentes perspectivas, visando entender novos aspectos sobre como a competitividade ocorre nos destinos turísticos (Vianna, 2011). A instituição World Economic Forum [WEF] define competitividade como o conjunto de instituições, políticas e fatores que determinam o nível da produtividade de um país. Segundo este estudo, o nível de produtividade estabelece o nível de prosperidade que pode ser alcançado por uma economia (WEF, 2013; 2014).

Como ferramentas de gestão e controle da competitividade foram desenvolvidos os chamados monitores, que em geral, agrupam variáveis em blocos de determinantes ou pilares considerados

importantes para medir esta capacidade nos territórios. A principal diferença entre os diversos monitores existentes está nas metodologias de análise e nos indicadores de medidas utilizados, entretanto, quase todos possuem como fundamento principal as teorias porterianas, especialmente as bases do Diamont Model (Porter, 1980) e sua categorização de vantagens comparativas e competitivas (Gandara & Chim-Miki, 2016). Contudo, antes de ser vista como uma ferramenta deve ser compreendida como um construto, capaz de expressar a realidade de um setor econômico inserido em um contexto social. Este mesmo marco teórico porteriano se utiliza no turismo para analisar a organização territorial em forma de clusters, ainda que parte provenha das linhas teóricas de aglomerações produtivas como, por exemplo, Distrito Industrial (Becattini, 1990) adaptado a Distrito Turístico (Hjalager, 1999; Maulet, 2006; Baggio, 2008) e a análise do ciclo de vida do destino turístico (Butler, 1980).

Em ambas as fundamentações, tanto de competitividade como de organização territorial, servem parcialmente como base para analisar o desenvolvimento territorial, administrativo e econômico do turismo, mas não explicam satisfatoriamente os motivos do por que algumas regiões costumam desenvolver-se mais que outras, mesmo possuindo condições iniciais similares (Boschma, 2014). Tendo presente os principais conceitos relacionados a distritos industriais, clusters, redes, sistemas e outros construtos socioculturais e econômicos, os destinos turísticos devem ser analisados e compreendidos considerando suas características e particularidades geográficas, assim como, suas formas de produção e gestão, levando em conta aspectos como as estruturas organizacionais, as relações e comportamentos dos atores envolvidos e a complexidade de suas dinâmicas evolutivas (Pearce, 2014).

Em virtude desta ponderação, a próxima seção apresenta a fusão conceitual proposta por Sanz-Ibañez e Antón-Clave (2014) que reúne os paradigmas da Geografia Econômica Evolutiva [GEE] e da Geografia Evolutiva Relacional [GER], reconhecida pelos autores pela sigla GEE-GER, no intuito de explicar o caráter evolutivo do destino turístico. No entanto, para uma melhor compreensão da proposta desta fusão [GEE-GER] se apresenta, primeiramente, os fundamentos que deram origem a cada uma destas abordagens individualmente.

Os Enfoques Geográficos Evolutivos e Relacionais na Análise da Competitividade Turística

Nos últimos anos a Geografia Econômica Evolutiva [GEE] tem sido um tema novo e promissor ao desenvolvimento de novas teorias (Boschma & Frenken, 2010) resultando em edições especiais em revistas científicas como, por exemplo, se encontra no *Journal of Economic Geography* (Frenken, 2007) e na *Economic Geography* (Boschma; Martin, 2010). Outra evidência deste tema, foi dada em abril de 2009 no *Times Higher Education*⁴, que apresentou uma análise de dados da Thomson Reuters⁵, *Essential Science Indicators*⁶, evidenciando a 'Geografia Econômica Evolutiva e Relacional' como o terceiro tópico mais pesquisado em ciências sociais, com 2.232 citações em 41 artigos científicos (Randelli; Romei & Tortora, 2014). A tendência de estudos nesta área é um indicador da relevância do tema, o qual está pouco a pouco migrando e sendo adaptado para os estudos turísticos (Domareski-Ruiz, Chim- Miki & Gândara, 2014).

A Geografia Econômica Evolutiva surgiu na última década e analisa como as condições do passado afetam o andamento e a direção das mudanças econômicas (Brouder & Eriksson, 2013). Esta perspectiva conceitual se apresenta como um interessante paradigma de pesquisa para compreender a evolução econômica dos territórios (Brouder, 2014; Ioannides, Halkier & Lew, 2014).

⁴É um ranking que lista as melhores universidades mundiais e analisam dados de desempenho da universidade em todas as suas missões fundamentais - ensino, pesquisa, transferência de conhecimento e perspectiva internacional;

⁵Thomson Reuters é um Instituto de Pesquisa;

⁶Indicador que determina quem são os mais influentes indivíduos, instituições, artigos científicos e publicações.

É importante destacar que a inclusão do componente ‘evolução’ começou nos estudos das ciências biológicas, migrando para as ciências sociais e culminando no desenvolvimento de uma corrente teórica de Economia Evolutiva. Na geografia, a GEE foi apresentada por Boschma & Frenken (2006) que explicitam que o objetivo desta perspectiva é compreender as forças atuantes sobre a alteração da paisagem econômica através do tempo. O enfoque evolutivo centra-se especificamente nos processos históricos que produzem padrões (Boschma & Frenken, 2011). De fato, compreender o que provoca as mudanças econômicas, a adaptação e a novidade na organização espacial da produção econômica, a distribuição e o consumo, bem como, os efeitos sobre as estruturas espaciais gerados pelas forças que impulsionam a evolução econômica (Boschma & Frenken, 2006) é onde esta perspectiva pode avançar e integrar a pesquisa entre o turismo, a geográfica e a dinâmica das organizações. A Geografia Econômica Evolutiva [GEE] fundamenta-se nos seguintes pilares principais: o Darwinismo Generalizado [Generalised Darwinism], a Teoria da Complexidade [Complexity Theory] e a Teoria da Dependência da Trajetória [Path Dependence] (Boschma & Martin, 2007, 2010).

O primeiro pilar da GEE chamado de Darwinismo Generalizado centra-se em como o desenvolvimento das regiões agem como ambiente de seleção, baseado nos princípios de variedade, novidade, seleção e continuidade (Boschma & Martin, 2010; Brouder & Eriksson, 2013). Este pilar tem por base a proposta de Hodgson (2009) de ‘Darwinismo Universal’ aplicado à economia e outras ciências sociais. Porém, deve-se ter em mente que nesta adaptação de uma teoria da biologia para a economia, existem problemas que são admitidos pelo próprio autor, relacionados às diferenças entre os mecanismos de seleção natural e de seleção econômica, como por exemplo, a unidade de seleção, o chamado ‘gene econômico’ [formas organizacionais, empresas, tecnologias, etc], e a característica da intencionalidade humana. Mesmo assim, a aplicação dos fundamentos Darwinistas nas ciências sociais segue sendo um caminho utilizado e um pilar da GEE. O segundo pilar da GEE é identificado como a Teoria da Complexidade, sendo também é uma teoria adaptada de outra área, pois foi desenvolvida na termodinâmica para posteriormente ser utilizada na economia (Beinhocker, 2006). Esta vertente considera que a paisagem econômica é similar aos sistemas adaptativos complexos, assim, sua evolução é um ponto de equilíbrio derivado de um processo de adaptação, emergente e auto organizativo (Sanz-Ibáñez & Anton Clavé, 2014; Hodson, 2002; Nelson & Winter, 1982). Os pesquisadores desta perspectiva afirmam que para garantir a verdadeira compreensão da evolução ou transformação interna da economia regional, a complexidade da indústria local deve ser considerada (Martin & Sunley, 2010).

Por último, a GEE apresenta como pilar a Dependência da Trajetória, a qual determina que as decisões tomadas no passado conduzem no futuro, efeitos positivos ou negativos sobre a evolução econômica do território, implicando em um *lock-in* (Martin & Sunley, 2006; Martin, 2010; Arthur, 1988). Isto inclui que o impacto da existência de legados políticos influi nas decisões posteriores (Hall & Taylor, 1996). Resumidamente, o *lock-in* é considerado uma espécie de aprisionamento que o território venha a sofrer decorrente da sua condição histórica-cultural-tecnológica. Isto muitas vezes condiciona as ações futuras, trazendo consequências que podem ser positivas ou negativas. Por outro lado, a Geografia Econômica Relacional (GER) destaca como papel chave a interação social entre os atores econômicos na produção dos espaços (Boggs & Rantisi, 2003). A GER dirige-se pelo social e espacial, pela divisão e integração do trabalho [organização], pelo impacto positivo e negativo de estruturas históricas, processo e eventos [evolução]; pelos processos de criação e difusão de conhecimento e, efeitos de mudanças tecnológicas [inovação]; e, pelas interações entre os agentes econômicos e instituições formais e informais (Bathelt & Glückler, 2003, 2011; Sanz-Ibáñez & Anton Clavé, 2014). Esta perspectiva reúne além do aspecto evolutivo dos territórios e da dependência de trajetória que também estão presentes na GEE, o contexto e o aspecto contingencial de ação humana e da ação econômica.

A GER apresenta-se como uma oposição aos modelos neoclássicos incluindo o social nas análises, portanto, considerando o próprio espaço como fonte explicativa dos processos formativos (Boggs & Rantisi, 2003). A ação humana e sua interação é a fonte de criação de oportunidades ou limitações,

considerada também desde uma dependência de trajetória e de um determinado contexto. Além disso, a GER inclui entre seus fundamentos a contingência, pois considera que as decisões econômicas não são nem predeterminadas nem previsíveis (Bathelt & Glückler, 2003). Unindo estas duas correntes teóricas que possuem certo grau de sobreposição, Sanz-Ibáñez e Anton Clavé (2014) propuseram a GER-GEE aplicada a destinos turísticos, gerando um novo marco analítico para o setor. Esta fusão da Geografia Econômica Evolutiva e da Geografia Econômica Relacional resultou em três pilares chaves que incluem e resumem todos os fundamentos presentes nas duas perspectivas, a saber: a Ação Humana [Human Agency], o Contexto [Contextuality] e a Dependência da Trajetória [Path Dependence].

Dentro desta aplicação ao turismo, Sanz-Ibáñez & Anton Clavé (2014) buscaram uma forma de nomear a unidade de análise – o destino – para expressar sua integralidade. Nesta ótica, alguns autores já adotavam a unidade Sistema Turístico Local [STL] como um sistema de atores econômicos, não econômicos e institucionais localizados em uma determinada área que cooperam para melhoria dos recursos locais através de uma comercialização de um produto turístico integrado (Capone, 2006; Lazzaretti & Capone, 2006; Maulet, 2006). Pois, esta proposição de STL encontra uma similaridade na GEE-GER, já que Sanz-Ibáñez e Anton-Clavé propuseram os Destinos Turísticos Locais Dinâmicos [LTD] como sistemas abertos, emergentes, que se auto organizam. Assim, o LTD são adaptativos e dinâmicos, resultantes de diferentes processos evolutivos do qual são produto, produtores e processo ao mesmo tempo e, portanto, exigem novas epistemologias para sua análise (Sanz-Ibáñez & Anton Clavé, 2014). Resumindo, a GEE-GER possui uma unidade de análise [LTD] e três pilares que representam suas vertentes teóricas bases.

O primeiro pilar é a Ação Humana, o qual requer a identificação dos *stakeholders* através do tempo, suas percepções, objetivos, funções e a dinâmica de cooperação e competição dentro das redes formais e informais. Sanz-Ibáñez e Anton Clavé (2014) destacam que alguns autores já indicavam que quando os grupos de interesses estão envolvidos em estruturas de governança baseadas na confiança em longo prazo com forte relação social e econômica, se reforça a competitividade do setor (Porter, 1980), assim como, os próprios atores atuam sobre a inércia da região (Li & Bathelt, 2011), ou seja, atuam sobre o *lock-in*. A ação humana inclui não somente o papel do empreendedor como elemento vital para o desenvolvimento econômico, protagonista da evolução econômica (Schumpeter, 1961), mas também inclui todos os *stakeholders* e seus relacionamentos. O segundo pilar da GEE-GER foi denominado de Contexto, e inclui as estruturas e instituições sociais, econômicas e políticas que influem na capacidade inovadora dos *stakeholders*, assim como, o espírito empresarial. Considera o papel do turista como coprodutor, à medida que consome o produto turístico no local onde ele é produzido e além do contexto local, considera os fatores globais políticos, ambientais e econômicos também impactam na evolução do LTD (Ma & Hassink, 2013; Sanz-Ibáñez & Antón Clavé, 2014). Assim, a própria condição em que a demanda turística é produto e processo do território, onde o turista é consumidor e coprodutor ao mesmo tempo (Debbage & Ioannides, 2011) gera um contexto dinâmico e contingente considerado dentro desta fusão de teorias.

O último pilar da GEE-GER é a Dependência da Trajetória, onde se considera todos os acontecimentos e circunstâncias que ao longo do tempo formaram o LTD. Além disso, é aceito que as trajetórias são emergentes e se transformam continuamente (Sanz-Ibáñez & Anton Clavé, 2014). As condições pré-existentes atuam sobre a formação futura, que se carrega de acúmulo de conhecimento, de experiências, de ciclos econômicos e políticos. A emergência dos territórios e sua capacidade auto organizacional buscam um novo equilíbrio, onde esta capacidade de reestruturação dos destinos turísticos como resposta aos acontecimentos internos e externos gera uma trajetória que também é produto e processo ao mesmo tempo. O enfoque proposto por estes autores, de integração entre GEE-GER considerando seus fundamentos, encaixa com a ideia principal de analisar a competitividade de destinos turísticos tendo por base as relações entre os *stakeholders* e o resultado destas ações na trajetória evolutiva do destino (Figura 1). Ou seja, esta perspectiva não considera o

destino em uma trajetória linear, mas como um processo contínuo de múltiplas forças (Sanz-Ibáñez & Anton Clavé, 2014). Nos destinos turísticos existe a presença de diversos tipos de empresas públicas e privadas que são complementares frente ao consumidor, além de ser comum mecanismo de governança, sendo motivadores para o estabelecimento de relações cooperativas mesmo que o ambiente seja competitivo, ressaltando a importância de perspectivas que considerem a relação entre os atores (Rispoli & Tamma, 1995; Hitt *et al*, 2001; Della Corte & Sciarelli, 2012).

Figura 1: Pilares do Marco Téorico GEE-GER



Fonte: Elaborado pelos autores, baseado em Sanz-Ibáñez & Anton Clavé (2014).

O turismo tem sido cada vez mais visto como uma atividade que, apesar de ser completamente imbricada à sua localização e as condições ambientais, cria espaços produtivos socialmente construídos, que evoluem ao longo do tempo (Saarinen, 2004). Saraniemi e Kylänen (2011) consideram que os destinos turísticos estão constantemente em processo de produção e reprodução, através de práticas complexas, como um espaço de interações entre atores e instituições onde ocorrem transações e atividades de formas diversas da tradicional dicotomia entre produção e consumo. Apesar de que todas as perspectivas de análises possuem deficiências que foram apontadas por pesquisadores destas temáticas, a GEE-GER tenta estabelecer uma união de várias perspectivas gerando um encontro promissor de óticas analíticas. Alguns estudos encontrados na literatura apontam que os enfoques neoclássicos não consideram o próprio território como uma entidade formativa, atuante. Ou seja, focalizam mais nos recursos e infraestruturas, desconsiderando a trajetória de criação do espaço como uma fonte de acúmulo de conhecimento ou limitante. No entanto, também existem críticas sobre a GEE e a GER, pois ainda não apresentam modelos próprios para medir competitividade com escalas e variáveis que representem seus pilares (Domareski-Ruiz, Chim-Miki & Gândara, 2014). Além disso, a GER carece de uma falta de especificidade e possui um alto grau de abstração (Sunley, 2008). No entanto, a competitividade em sua complexidade exige múltiplas abordagens, pois seu epicentro está na convergência dos recursos, das relações, da trajetória e da capacidade para inovar (Figura 02). O reconhecimento do espaço como coprodutor do produto turístico é um grande avanço para que se estruture uma real gestão estratégica de destinos que maximize os recursos locais, através de um processo de coopeção, ou seja, cooperação e competição entre os *stakeholders* propiciando aos destinos turísticos locais vantagens competitivas superiores (Sanz-Ibáñez & Anton Clavé, 2014).

Figura 2: O Epicentro da Competitividade Turística entre as Teorias Neoclássicas, a GEE e a GER



Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Portanto, pode-se considerar que a análise do destino turístico sob a perspectiva da GEE-GER agrega valor aos estudos de turismo, permitindo compreender melhor a dinâmica dos destinos (Brouder & Eriksson, 2013; Williams, 2013; Sanz-Ibáñez & Anton Clavé, 2014). A condição dos destinos turísticos de atuarem sobre suas deficiências e sobre suas etapas de desenvolvimento, de forma a reestruturar continuamente a atividade turística e seu ciclo de vida, traduz uma dinâmica não capturada na íntegra por uma só perspectiva de análise, principalmente em uma atividade com tão alto grau de complexidade de atores em seu processo.

METODOLOGIA

Este trabalho é uma pesquisa qualitativa exploratória, que utiliza a técnica de análise de conteúdo, a qual indica a análise de um documento ou texto de forma objetiva para possibilitar a produção de inferências (Bardin, 1977). A pesquisa exploratória é utilizada muitas vezes, como ponto de partida das pesquisas, verificando se pesquisas semelhantes já foram realizadas, quais os métodos utilizados e quais os resultados obtidos, determinando tendências, identificando relações potenciais entre variáveis e conseqüentemente estabelecendo rumos para investigações posteriores mais rigorosas, pois permite uma ampla compreensão do tema investigado (Malhotra, 2006), enquanto que uma abordagem qualitativa viabiliza a imersão do pesquisador no tema investigado, facilitando a compreensão do contexto analisado. A análise de conteúdo é uma técnica que se desenvolveu na década de 40 para analisar a comunicação e mídia, sendo destacada para verificar a semântica, ou seja, o sentido de um texto. No entanto, esta técnica tem sido utilizada em novas abordagens conceituais e de utilização. O presente trabalho não se fixou na análise do discurso (linguística), mas sim na lógica-semântica, utilizando a análise de conteúdo como um classificador, o qual segundo os pressupostos desta técnica devem seguir parâmetros definidos para que o analista possa se valer de definições (Campos, 2004).

Assim, para analisar as variáveis do Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores foi considerado adequado o uso de metodologia exploratória de abordagem qualitativa para verificar o conteúdo do referido estudo frente à teoria que fundamenta esta análise. Portanto, esta análise foi realizada com as seguintes etapas:

1. Pesquisa bibliográfica e documental sobre o paradigma da GEE e GER, identificando seus principais pilares teóricos;
2. Análise de conteúdo do Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores de MTur para identificar as variáveis utilizadas e seu contexto;

3. Cruzamento dos dados entre o referencial teórico e o conteúdo do estudo de competitividade de MTur (Dimensão – monitor Vs Pilar – GEE/GER);
4. Análise do cruzamento dos dados e apresentação dos resultados.

O Brasil vive uma etapa de desenvolvimento importante, tanto em termos econômicos como sociais. Sendo o quinto maior país do mundo em extensão, com uma economia aberta e globalizada, mas que ainda precisa melhorar seu posicionamento competitivo internacional. No ranking de 141 países medidos pelo Monitor TCI de WEF, no ano de 2013 o Brasil ocupava a 51ª posição, tendo passado a 28ª posição no ano de 2014 (WEF, 2014). Esta subida de posições no ranking se relaciona com a construção de infraestruturas para receber os jogos da Copa do Mundo de Futebol que se realizou no Brasil em 2014, e com uma alteração metodológica na forma utilizada por WEF.

Uma das bases atuais do desenvolvimento do turismo do Brasil é o Programa de Regionalização do Turismo, que focaliza em redes cooperativas, estratégias regionais, ferramentas de gestão, mecanismos para promover a inovação e enfrentamento de fragilidades diagnosticadas (MTur; Sebrae; FGV, 2013). Dessa forma, as premissas do programa são a abordagem territorial, integração e participação social, inclusão, descentralização, sustentabilidade, inovação e competitividade, o que evidencia e destaca a similaridade com a proposta de análise da GEE/GER. Complementarmente a este programa foram selecionados 65 destinos indutores de regiões turísticas previamente determinadas para os quais se desenvolveu um índice de competitividade com parâmetros nacionais para permitir monitorar estes destinos. O estudo é conduzido desde 2008 pelo Ministério do Turismo [MTur], pela Fundação Getúlio Vargas [FGV] e pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas [Sebrae], realizando um diagnóstico detalhado da realidade dos destinos indutores avaliados, o que vem servindo de base para diversas ações tanto nacionais como estaduais, regionais e locais (MTur; Sebrae; FGV, 2008). Cabe ressaltar suas principais bases norteadoras são a Teoria dos Recursos de Barney (1991) e a perspectiva de competitividade turística de Crouch e Ritchie (1999), e dentro deste marco construiu-se o conceito de competitividade adotado para o Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores: a capacidade crescente de gerar negócios nas atividades econômicas relacionadas com o setor de turismo, de forma sustentável, proporcionando ao turista uma experiência positiva (MTur; Sebrae; FGV, 2010).

RESULTADOS

Uma análise das variáveis utilizadas no estudo brasileiro de competitividade dos destinos indutores sob a perspectiva de GEE-GER

A revisão teórica do construto e modelos de competitividade, assim como, a fundamentação teórica verificada nas perspectivas evolutivas e relacionais permite realizar uma comparação das diretrizes que norteiam as diferentes análises de competitividade turísticas que se encontram na literatura. O quadro 01 apresenta esta comparação, explicitando a forma de analisar competitividade através dos monitores de competitividade turística que consideram as perspectivas porterianas [neoclássica] frente a perspectiva de GEE-GER. Como anteriormente exposto, os monitores de competitividade foram baseados em teorias clássicas como de Porter (1980) e outros modelos de competitividade com semelhantes paradigmas (Dwyer & Kim, 2003; Ritchie & Crouch, 1999; 2003).

Quadro 1: Análise comparativa das diretrizes dos modelos de competitividade, segundo perspectiva neoclássica e perspectiva GEE-GER

	Análise Neoclássica Monitores de Competitividade	Análise desde perspectiva Relacional-Evolutiva Integrada (GEE-GER)
Unidade de análise	Destino Turístico e Região turística;	Sistema Turístico Local (TLS) ou LTD;
Enfoque	Teoria de Distritos, clusters e ciclo de vida de produtos (TALC);	<i>Path Dependency Theory, Complexity Theory, Darwinismo Generalizado; Contexto; Ação Humana e Contingência.</i>
Paradigma	TALC, Cluster e conceitos neoclássicos de competitividade;	Evolução e relações, co-criação eco- produção;
Nível de vantagens competitivas	Vantagens comparativas e vantagens competitivas;	Vantagens comparativas, Vantagens competitivas, e Vantagens colaborativas ou cooperativas;
Dimensões ou Pilares	Recursos naturais, culturais, criados ou inerentes, condições ambientais e a gestão estratégica;	Ação humana, contexto e dependência da trajetória;
Processo de formação do território	Estático, <i>Top-down</i> , organizado pelo Estado;	Evolutivo, <i>Bottom-up</i> , auto organizado;
Elemento principal	A Oferta;	As Relações;

Fonte: Elaborado pelos autores, baseado em Sanz-Ibáñez & Anton Clavé (2014).

O Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores, do MTur-Brasil, identifica e verifica a capacidade dos destinos através de 13 dimensões, a saber: infraestrutura geral, acesso, serviços e equipamentos turísticos, atrativos turísticos, marketing, políticas públicas, cooperação regional, monitoramento, economia local, capacidade empresarial, aspectos sociais, aspectos ambientais e aspectos culturais. A metodologia reúne um total de 60 variáveis gerando ao final um índice agregado que representa vantagens competitivas e vantagens comparativas de municípios brasileiros considerados indutores do turismo (MTur; Sebrae; FGV, 2008). Após analisar o conteúdo de cada dimensão do monitor de MTur e o objetivo de medida de cada variável que compõe a medida ponderada de competitividade realizou-se a classificação com base nos pilares da fusão teórica GEE-GER. O Quadro 2 apresenta a classificação de cada uma das 60 variáveis analisadas.

Quadro 2: Classificação das variáveis do Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores no Brasil (MTur, 2008) segundo sua relação com as bases teóricas da GEE-GER.

(Continua)

DIMENSÃO / VARIÁVEL DO MONITOR DE COMPETITIVIDADE	PILAR / FUNDAMENTO DE GEE-GER
Infraestrutura	
Capacidade de atendimento médico ao turismo	Contexto
Fornecimento de energia	Contexto
Serviço de proteção ao turista	Contexto
Estrutura urbana em áreas turísticas	Dependência da Trajetória
Serviços e equipamentos turísticos	
Sinalização turística	Dependência da Trajetória
Centro de Atendimento ao turista	Dependência da Trajetória
Espaços para eventos	Dependência da Trajetória
Capacidade dos meios de hospedagem	Dependência da Trajetória
Capacidade turística receptiva	Dependência da Trajetória
Estrutura de qualificação para o turismo	Dependência da Trajetória
Capacidade dos restaurantes	Dependência da Trajetória
Acesso	

Acesso aéreo	Contexto
Acesso terrestre	Contexto
Sistema de transporte no destino	Contexto
Proximidade com grandes centros emissores de turistas	Contexto
Atrativos turísticos	
Atrativos naturais	Contexto
Atrativos culturais	Contexto
Eventos programados	Dependência da Trajetória
Eventos técnicos científicos ou artísticos	Contexto
Marketing e promoção do turismo	
Plano de marketing	Ação humana e Dependência da Trajetória
Participação e promoção em feiras e eventos	Ação humana e Dependência da Trajetória
Promoção do destino	Ação humana e Dependência da Trajetória
Página do destino na Internet	Ação humana e Dependência da Trajetória
Políticas públicas	
Estrutura municipal para apoio ao turista	Dependência da Trajetória
Grau de cooperação com governo estadual	Ação Humana e Dependência da Trajetória
Grau de cooperação com governo federal	Ação Humana e Dependência da Trajetória
Planificação para a cidade e atividade turística	Ação Humana e Dependência da Trajetória
Grau de cooperação público privada	Ação Humana e Dependência da Trajetória
Cooperação Regional	
Governança	Ação Humana
Projetos de cooperação regional	Ação Humana e Dependência da Trajetória
Planificação turística regional	Dependência da Trajetória
Desenvolvimento de roteiros turísticos	Ação Humana e Dependência da Trajetória
Promoção e apoio para comercialização integrada	Ação Humana e Dependência da Trajetória
Monitoramento	
Pesquisa de demanda	Dependência da Trajetória
Pesquisa de oferta	Dependência da Trajetória
Sistema de estatística do turismo	Dependência da Trajetória
Medição dos impactos da atividade turística	Dependência da Trajetória
Sector específico de estudos e pesquisas	Dependência da Trajetória
Economia Local	
Aspectos da economia local	Contexto
Infraestrutura de comunicação	Contexto
Infraestrutura e facilidade para negócios	Contexto
Empreendimentos ou eventos alavanca de turismo	Contexto
Capacidade Empresarial	
Capacidade de qualificação e uso de pessoal local	Ação humana
Presença de grupos nacionais ou internacionais do sector turístico	Contexto
Competição e barreiras de entrada	Contexto
Presença de empresas de grande porte ou filiais	Contexto
Aspetos Sociais	
Acesso a educação	Contexto
Postos de trabalho gerados pelo turismo	Contexto e Dependência de Trajetória
Política de enfrentamento da exploração sexual infantil	Contexto
Uso de atrativos e equipamentos turísticos pela população	Contexto e Dependência de Trajetória
Cidadania, sensibilização e participação na atividade turística	Ação Humana e Dependência da Trajetória
Aspectos ambientais	
Estrutura e legislação municipal de meio ambiente	Contexto e Dependência de Trajetória
Atividades em curso potencialmente contaminadoras	Contexto
Rede pública de fornecimento de água	Contexto
Rede pública de coleta e tratamento de esgotos	Contexto

Coleta e destinação pública de resíduos	Contexto
Unidades de conservação em território municipal	Contexto
Aspectos culturais	
Produção cultural associada ao turismo	Contexto e Dependência de Trajetória
Patrimônio histórico cultural	Contexto e Dependência de Trajetória
Estrutura municipal para apoio a cultura	Contexto e Dependência de Trajetória

Fonte: Elaborado pelos autores (2016)

Ao analisar este monitor observou-se a relação das variáveis com os conceitos da GEE-GER. Os recursos naturais, culturais, aspectos econômicos, sociais ou ambientais se relacionam com o contexto. Enquanto às infraestruturas, os equipamentos, os recursos humanos, a gestão pública e marcos legal, estão relacionados à dependência da trajetória. Por fim, algumas variáveis representam as relações entre os *stakeholders*, à colaboração em um ambiente competitivo, entre elas: a gestão integrada do destino, a promoção em conjunto, a coprodução turística, a cooperação público-privada, a interdependência, a visão compartilhada. Estas variáveis estão relacionadas com a ação humana e, portanto, dentro do marco teórico da integração entre GEE-GER.

O resultado indica que 38,2% do monitor brasileiro focaliza o pilar Contexto, 18,4% das variáveis focalizam a ação humana e 43,4% focalizam a dependência da trajetória. Em síntese, a forma que as teorias neoclássicas categorizam em variáveis que verificam vantagens competitivas e comparativas também podem ser vistas dentro da ótica da GEE-GER, pois tratam de recursos [contexto] e formação de estruturas físicas ou legais [trajetória]. No entanto, o diferencial que se verificou no monitor brasileiro de competitividade turística provém das teorias relacionais, pois existe um número de variáveis que identifica a ação humana, portanto, verifica-se uma classe de vantagens não totalmente previstas nas teorias porterianas, que são as vantagens cooperativas ou colaborativas.

Discussão

As dimensões 'Infraestrutura', 'Serviços e equipamentos' e 'Acesso' apresentam indicadores que representam os ativos do destino turístico [recursos]. São basicamente vantagens comparativas diretamente relacionadas aos pilares de GEE-GER de Contexto e Dependência da Trajetória. Especialmente as variáveis que representam capacidade turística são dependentes do processo de uma trajetória evolutiva que sofreu a região. Por outro lado, a dimensão 'Atrativos Turísticos' relaciona-se mais com o Contexto, pois representa condições naturais e culturais que costumam contribuir diretamente para o desenvolvimento de recursos turísticos. Estas dimensões nos modelos de competitividade representam os atributos básicos de atratividade do destino turístico (Ritchie & Crouch, 2003; Dwyer & kim, 2003), porém revestidas dos fundamentos de GEE-GER ganham um visão de análise evolutiva provenientes do acúmulo de fixos e fluxos no território (Santos, 1997), do acúmulo de conhecimento que atua sobre as decisões futuras (Li & Bathelt, 2011). Igualmente, na GEE-GER a atratividade destes recursos não visualiza somente fluxo turístico, mas inclui a atratividade econômica em termos de novos investimentos empresariais, na medida em que a demanda turística é produto e processo (Debbage & Ioannides, 2011).

A dimensão 'Marketing e Promoção do Destino' foi considerada relacionada com a Ação Humana e Dependência da Trajetória, pois é fruto do desenvolvimento de relações cooperadas entre os agentes, baseadas na confiança mútua, e no aprendizado que o tempo ocasiona na maturidade empresarial e evolução econômica do setor. As variáveis do monitor devem analisar o marketing do destino realizado de forma integral através de um sistema de governança, ou seja, são as estruturas de governança baseadas em confiança em longo prazo nas relações sociais e econômicas do destino (Sanz-Ibáñez & Anton Clavé, 2014). Enquanto que a dimensão 'Políticas Públicas' apresenta quatro indicadores que focalizam relações entre os agentes públicos e privados, assim como inclui no planejamento do destino a participação destes agentes, portanto, também há um relacionamento de

colaboração entre as diferentes esferas de gestão. Nesta dimensão a GEE-GER se faz presente com o pilar Ação Humana e com Dependência da Trajetória. O próprio Programa de Regionalização do Turismo já sofreu várias alterações ao longo dos anos desde sua implementação em 1994, representando a contingência prevista que resulta da Dependência da Trajetória. Trata-se da capacidade auto organizativa do destino em busca um novo equilíbrio previsto nas teorias evolutivas (Nelson & Winter, 1982; Hodson, 2002; Sanz-Ibáñez & Anton Clavé, 2014 e outros).

Igualmente, a dimensão ‘Cooperação Regional’ está baseada nos fundamentos da GEE-GER, o que se verifica pela direta relação dos seus cinco indicadores de medida, que representam o nível de cooperação entre os agentes para o desenvolvimento do produto turístico de forma integrada. Assim, representam a Ação Humana e a Dependência da Trajetória, possuindo uma relação direta com as interações entre os agentes econômicos e instituições formais que estimulam e restringem a própria evolução do destino (Bathelt & Glückler, 2003, 2011; Sanz-Ibáñez & Anton Clavé, 2014).

A dimensão ‘Monitoramento’ foi considerada relacionada com a Ação Humana e a Dependência da Trajetória. Nesta dimensão é importante entender que os *stakeholders* precisam fornecer os dados para o monitoramento, e juntos criarem instituições que façam o acompanhamento, análise e relatório de estatísticas para o uso comum de todos. Outra base de GEE-GER está refletida na dimensão ‘Economia Local’, pois as variáveis de medida desta dimensão verificam os aspectos dos negócios locais, a facilidade para os negócios e estruturas empresariais, refletindo na complexidade e no contexto. Isto pode representar os mecanismos de seleção econômica [‘seleção natural’], onde o ‘gene econômico’ é a forma organizacional/empresarial, portanto, representando aspectos de uma seleção Darwinista (Hodgson, 2009). As últimas três dimensões, ‘Aspectos Sociais’, ‘Aspectos Ambientais’ e ‘Aspectos Culturais’ expressam variáveis de medidas de recursos [ativos]. Encontram-se fundamentos de Contexto, que juntamente com o conhecimento adquirido na Dependência da Trajetória podem atuar sobre o *lock-in* do território, já que representam legados que aprisionam ou impulsionam o destino (Martin & Sunley, 2006; Martin & Sunley, 2010; Arthur, 1988).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou verificar e classificar as variáveis do estudo de competitividade turística utilizado pelo MTur- Brasil através de uma análise de conteúdo que identifica sua lógica-semântica com base nos pilares da fusão da Geografia Econômica Evolutiva e da Geografia Econômica Relacional [GEE-GER], aplicado ao setor turístico. Esta temática é relativamente nova, e ainda carece de aportes teórico-empíricos para sua aplicação. Ainda que não mencionado diretamente na literatura, o conceito de competitividade está associado a uma visão teórica do processo econômico e produtivo, porém, apresenta dificuldade em sua mensuração (Crouch & Ritchie, 1999). Por outro lado, a importância que o setor turístico tem representado para a economia dos países acirrou a concorrência entre os destinos turísticos, com isto, os processos de análise, de avaliação e de medição da competitividade dos destinos turísticos em relação ao turismo podem contribuir no planejamento, gestão e priorização de ações que irão beneficiar diretamente o setor.

A análise de conteúdo realizado no monitor de competitividade brasileiro indicou que muitas variáveis são típicas de medição da capacidade de infraestrutura e de recursos naturais, construídos ou herdados. Refletem condições básicas para o desenvolvimento de um setor turístico, segundo as clássicas teorias de competitividade turística (Ritchie & Crouch, 1999; 2003; Dwyer & Kim, 2003). No entanto, também se observa que além das vantagens comparativas ou competitivas, variáveis que representam a gestão estratégica das relações dentro do destino turístico, assim como sua evolução, são consideradas. Sinteticamente, num contexto espacial podem ser observadas todas as variáveis como sendo fruto da evolução territorial, determinada pela trajetória do lugar como destino turístico [path dependence], o que indica que um destino turístico pode ser analisado sob o enfoque da GEE-GER, no entanto, se identifica a necessidade de desenvolver outras variáveis de medida para complementar as existentes e assim, evoluir a forma de como se verifica a competitividade turística,

especialmente para dar mais atenção às vantagens colaborativas que no monitor brasileiro ainda se encontram poucas variáveis, e segundo a GEE-GER devem expressar a ação humana e a ação econômica.

Do exposto, pode-se concluir que o conteúdo do monitor, apesar de não ter sido fundamentado nas teorias de GEE ou GER, apresenta uma relação de suas variáveis com estas teorias, o que indica que para fins de medir a competitividade de destinos turísticos, os enfoques neoclássicos e de GEE-GER são complementares. Porém, se existisse uma maior fundamentação nas teorias de GEE-GER permitiria obter a adaptabilidade necessária a territórios contingentes, evolutivos e produtores de sua própria conformação, dentro de um processo de análise do próprio destino turístico, onde o destino é processo e produto ao mesmo tempo. Em outras palavras, se a base norteadora desta ferramenta desenvolvesse as variáveis pensadas sobre os pilares da GEE-GER, poderiam gerar dados e informações que facilitariam a tomada de decisão frente à política nacional de cada localidade, pois consideraria a singularidades de cada destino, em seu próprio contexto e trajetória formativa, fato já reconhecido em outros estudos de competitividade. Por não ter sido construído em estas bases, as variáveis foram de difícil classificação havendo casos em que se considerou a presença de dois pilares numa única variável. Também se reconheceu que a própria teoria de GEE-GER ainda é um quadro negro a ser desenhado e não se encontra base empírica suficiente para assistir ao pesquisador nesta classificação. No entanto, tanto as sobreposições como as dúvidas geradas na classificação são indicativos de que a GEE-GER são teorias complementares as neoclássicas no que tange a análise de competitividade.

A ação humana e suas relações geram a formação do território e a trajetória evolutiva concede ao destino limitações e oportunidades, pois o acúmulo de *know-how* e a formação do *lock-in* atuam sobre as decisões dos atores. Este ponto está recebendo pouca atenção no monitor brasileiro e especialmente para medir competitividade no turismo deve ser considerado que existe uma força competitiva que pode ser gerada pelo componente relacional. É certo que o desenvolvimento do turismo possui uma inegável dependência dos recursos básicos, sejam recursos culturais, naturais ou estruturais que é refletida no número de variáveis existentes no monitor analisado. Além disso, os recursos criados [infraestruturas e equipamentos], bem como a gestão estratégica também sofrem um impacto direto da dependência da trajetória e da ação humana que é reconhecido no monitor, quando trata de verificar as políticas, a capacidade empreendedora, a afinidade com o turismo, tudo imersos em um contexto.

Desta análise e da revisão teórica realizada, resulta que estas perspectivas ainda são embrionárias, dessa maneira é importante que se estimulem outros estudos sobre estas novas perspectivas e sua aplicação ao turismo para analisar as dinâmicas dos destinos turísticos, em estudos de casos, que possam culminar em melhorar o nível de praticidade da aplicação da GEE-GER aos territórios, contribuindo diretamente no planejamento e na gestão estratégica dos destinos turísticos e na atividade turística como um todo.

REFERÊNCIAS

- Alonso Ferrera, V.A. (2010). Factores críticos de êxito y evaluación de la competitividad de destinos turísticos. *Estudios y Perspectivas em Turismo*, 19, 201-220.
- Arthur, W. B. (1988). Competing technologies, increasing returns, and lock-in by historical events. *The Economic Journal*, 99(394), 116-131.
- Baggio, R. (2008). *Network analysis of a tourism destination*. Australia: University of Queensland.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições, 70.

- Barney, J. B. (1991). Firm resource and sustained competitive advantage. *Journal of Management*, 17(1), 99-120
- Bathelt, H. & Glückler, J. (2003) Toward a relational economic geography. *Journal of Economic Geography*, 3, 117-144.
- Bathelt, H. & Glückler, J. (2011) *The relational economy: geographies of knowing and learning*. Oxford: Oxford University Press.
- Becattini, G. (1990). The Marshallian industrial. *Industrial districts*, 37.
- Beinhocker, E. D. (2006). *The origin of wealth: Evolution, complexity and the radical remaking of economics*. London: Random House.
- Boggs, J.S., & Rantisi, N.M. (2003).The 'relational turn' in economic geography. *Journal of economic geography*, 3(2), 109-116.
- Boschma, R. A., & Frenken, K. (2006). Why is economic geography not an evolutionary science? Towards an evolutionary economic geography. *Journal of economic geography*, 6(3), 273-302.
- Boschma, R. & Frenken, K. (2010). The spatial evolution of innovation networks. A proximity perspective. In R. Boschma & R. Martin (Eds.), *The Handbook of Evolutionary Economic Geography*, pp. 120-135, Cheltenham: Edward Elgar.
- Boschma, R., & Frenken, K. (2011).The emerging empirics of evolutionary economic geography. *Journal of Economic Geography*, 11(2), 295-307.
- Boschma, R., & Martin, R. (2007). Editorial: Constructing an evolutionary economic geography. *Journal of Economic Geography*.
- Boschma, R., & Martin, R. (Eds.). (2010). *The handbook of evolutionary economic geography*. Edward Elgar Publishing.
- Boschma, R. (2014). Towards an evolutionary perspective on regional resilience. *Regional Studies*, (ahead-of-print), 1-19.
- Brouder, P. (2014a) Evolutionary economic geography: A new path for tourism studies? *Tourism Geographies*, 16(1), 2-7.
- Brouder, P., & Eriksson, R. H. (2013).Tourism evolution: On the synergies of tourism studies and evolutionary economic geography. *Annals of Tourism Research*, 43, 370-38.
- Butler, R. (1980) The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources. *Canadian Geographer*, 24, 5-12.
- Campos, C.J.G. (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Rev Bras Enferm*, 57(5), 611-4.
- Capone, F. (2006). Systemic approaches for the analysis of tourism destination: towards the tourist local systems. *Tourism local systems and networking*, 7-23.
- Crouch, G. I., & Ritchie, J. B. (1999). Tourism, competitiveness, and societal prosperity. *Journal of business research*, 44(3), 137-152.

- Debbage, K. G. & Ioannides, D. (2011). The economy of tourism spaces. A multiplicity of 'critical turns'? In: Wilson J. (Ed.). *The Routledge handbook of tourism geographies*. pp. 149-156. London: Routledge.
- Della Corte, V. & Sciarelli, M. (2012). Can coopetition be source of competitive advantage for strategic networks? *Corporate Ownership & Control*, 10(1), 363-379.
- Domareski, T.C. (2011). A competitividade das destinações turísticas: O caso de Foz do Iguaçu (PR) Brasil. Dissertação. Mestrado Turismo e Hotelaria, Univali.
- Domareski-Ruiz, T.C; Chim-Miki A.F. & Gândara, J.M. (2014). A Geografia Econômica Evolutiva como perspectiva de análise da dinâmica dos destinos turísticos. *Caderno Virtual de Turismo*, 14(3), 316-336.
- Dwyer, L. & Kim, C. (2003). Destination competitiveness: determinants and indicators. *Current issues in tourism*, 6(5), 369-414.
- Esser, et al. (1994). *Competitividad sistémica: competitividad internacional de las empresas y políticas requeridas*. Berlim: Instituto Alemán de Desarrollo.
- Ferraz, J. C.; Kupfer, D. & Haguenaer, L. (1997). *Made in Brazil: desafios competitivos para a indústria*. Rio de Janeiro: Campus.
- Frenken, K. (ed.). (2007). *Applied Evolutionary Economics and Economic Geography*. Edward Elgar, Cheltenham.
- Gândara, J., & Chim-Miki, A.F. (2016). Destination evaluation through the prioritization of competitiveness pillars: The case of Brazil. In Artal-Tur, A., & Kozak, M. *Destination competitiveness, the environment and sustainability: challenges and cases*, pp.24-39. Wallingford: Cabi.
- Haguenaer, L. (1989). Competitividade: conceitos e medidas: uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso brasileiro. *Texto para discussão*, (211).
- Hall, P. & Taylor, R.C.R. (1996). Political science and the three new institutionalisms. *Political Studies* 44, 936-957.
- Hitt, M. A., Dacin, M. T., Levitas, E., Arregle, J. L., & Borza, A. (2001). Partner selection in emerging and developed market contexts: Resource-based and organizational learning perspectives. *Academy of Management Journal*, 43, 449-467.
- Hjalager, A.-M. (1999). *Tourism destinations and the concept of industrial districts* (ERSA conference papers no. ersa99pa288): European Regional Science Association. Retrieved Jan 2006, from <http://ideas.repec.org/p/wiw/wiwsa/ersa99pa288.html>.
- Hodgson, G. M. (2009). Agency, institutions and Darwinism in evolutionary economic geography. *Economic Geography*, 85(2), 167-173.
- Ioannides, D.; Halkier, H.; Lew, A. Evolutionary economic geography and the economies of tourism destinations. *Tourism Geographies*, vol.16 n. 4, 2014.
- Lazzeretti, L., & Capone, F. (2006). Identification and analysis of tourist local systems: an application to Italy (1996-2001). *Tourism local systems and networking*, 25-42.

- Li, P. F., & Bathelt, H. (2011-02). A relational-evolutionary perspective of cluster dynamics. *Spaces online*, 9.
- Ma, M., & Hassink, R. (2013). An evolutionary perspective on tourism area development. *Annals of Tourism Research*, 41, 89-109.
- Malhotra, N. K. (2006) *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman.
- Martin, R. (2010) Rethinking regional path dependence: beyond lock-in to evolution. *Economic Geography*, 86, 1-27.
- Martin, R. & Sunley, P. (2006). Path dependence and regional economic evolution. *Journal of Economic Geography*, 6(4), 395-437.
- Martin, R., & Sunley, P. (2010). The place of path dependence in an evolutionary perspective on the economic landscape. *Handbook of evolutionary economic geography*, 62-92.
- Maulet, G. (2006). A framework to identify a localised tourism system. *Tourism local systems and networking*, 25-41.
- MTUR; Sebrae; FGV. (2008). *Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional - Relatório Brasil*. Brasília: MTur.
- MTUR; Sebrae; FGV. (2010). *Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional - Relatório Brasil*. Brasília: MTur.
- MTUR; Sebrae; FGV. (2013). *Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional - Relatório Brasil*. Brasília: MTur.
- MTUR; Sebrae; FGV. (2014). *Estudo de Competitividade dos 65 Destinos Indutores do Desenvolvimento Turístico Regional - Relatório Brasil*. Brasília: MTur.
- Nelson, R., & Winter, S. (1982). An evolutionary theory of economic change. Cambridge: Harvard University Press.
- Newall, J. E. (1992). The challenge of competitiveness. *Business quarterly*, 56(4), 94-100.
- Pearce, D. G. (2014). Towards an integrative conceptual framework of destinations. *Journal of Travel Research*, 53(2), 141-153.
- Porter, M. (1990). *The competitive advantage of nations*. New York: Free Press.
- Porter, M.E. (1980): *Competitive strategy: techniques for analyzing industry and competitors*. New York: The Free Press.
- Randelli, F.; Romei, P. & Tortora, M. (2014) An evolutionary approach to the study of rural tourism: The case of Tuscany. *Land and use Policy*, 38, 276-281.
- Rispoli M. & Tamma M. (1995). *Le Risposte Strategiche alla Complessità: le forme di offerta dei prodotti* Iberghieri, Torino: Giappichelli.
- Ritchie, J.R.B. & Crouch, G.I. (2003): *The competitive destination: A sustainable tourism perspective*. Oxon: Cabi Publishing.

- Sancho Pérez, A., & García Mesanat, G. (2004). El posicionamiento de un destino turístico en un mercado globalizado y competitivo: comparación de prácticas entre competidores líderes. Disponível em http://iei.uves/docs/ponencias/posicionamiento_turistico.pdf. Acesso 11 dez 2007.
- Santos, M. (1997). *Metamorfoses do espaço habitado*. Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec.
- Sanz-Ibáñez, C., & Anton Clavé, S. (2014). The evolution of destinations: Towards an evolutionary and relational economic geography approach. *Tourism Geographies*, 16(4), 563-579.
- Schumpeter, J. A. (1961). *Teoria do desenvolvimento econômico*. Fundo de Cultura.
- Saarinen, J. (2004). Destinations in change. The transformation process of tourist destinations. *Tourist Studies*, 4(2), 161-179.
- Saraniemi, S. & Kylanen, M. (2011) Problematizing the concept of tourism destination: An analysis of different theoretical approaches. *Journal of Travel Research*. 50(2), 133-143.
- Scott, B.R. & Lodge, G.C. (eds.) (1985). *US competitiveness in the world economy*. Boston: Harvard Business School Press.
- Sunley, P. (2008). Relational economic geography: a partial understanding or a new paradigm?. *Economic Geography*, 84(1), 1-26.
- Vianna, S. L.G. (2011). *A Competitividade e a qualidade de vida na destinação turística: análise quanto à sua correspondência*. Tese. Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú.
- WEF - World Economic Forum. *The Travel & Tourism Competitiveness Report 2013*. Disponível em: <http://www3.weforum.org/docs/WEF_TT_Competitiveness_Report_2013.pdf>.
- WEF - World Economic Forum. *The Travel & Tourism Competitiveness Report 2014*. Disponível em: <<http://www.weforum.org/reports/five-challenges-one-solution-women>>.
- Williams, A. M. (2013). Mobilities and sustainable tourism: Path-creating or path-dependent relationships? *Journal of Sustainable Tourism*, 21(4).

Recebido em: 19 abr 2016

Avaliado: abr-jun 2016

Aceito: 29 jul 2016

